

bamboo

inspiração que transforma

bamboo 60
julho 2016
brasil r\$ 24,50
issn 2236-1391 60
077 2236 139076

quatro elementos
paisagens e flores
de georgia o'keeffe,
cerâmicas de
máximo soalheiro
e a arte de pedra
de denise milan

mundo melhor
as tramas ecológicas
de nani marquina;
luz elétrica solar
para zonas isoladas;
melhores destinos
de portugal

evoluir com a natureza

construções bio
casa sustentável
do studio mk27,
estratégias naturais
por marko brajovic, e
as matas inventadas
de rodrigo oliveira

professora emérita da georgetown university, naomi moniz reflete sobre como a obra da artista **denise milan** é um convite à conexão do homem com o cosmos



a parte e o todo

Quando meu marido, que é físico, ouviu a explicação de Denise Milan sobre como a formação dos quartzos é uma lição para a sobrevivência humana, ele, um aficionado por Star Trek, personificou-se no racional dr. Spock: "Humanos são moléculas de carbono" — lembrando a subdivisão da matéria nos compostos orgânico e inorgânico. Na verdade, ele estava bastante entusiasmado com o fato de artistas poderem construir uma ponte poética entre a ciência e a vida das pessoas.

O trabalho de Denise certamente perturba nossa maneira de ver as pedras como estáticas, imutáveis e silenciosas. Ela escuta as pedras cantarem, percebe nelas uma linguagem. Ela não as contempla por seu valor monetário ou decorativo, nem por seus poderes de cura "new age".

Seu interesse pelos geodos começou há trinta anos. A artista estuda sua formação em bolhas no magma terrestre: a transformação de químicos líquidos e gasosos em belos cristais. Ela reafirma a Terra como um organismo vivo, e os processos geológicos do nosso planeta são, em sua obra, metáforas. Para Denise, as propriedades do quartzo encerram o código para um universo poético que ela denominou "Drama da matéria: 'Ser ou não ser'", baseado na progressão do caos à ordem que caracteriza a formação dos cristais.

Suas criações artísticas orientadas pela geofísica e pela química dos minerais, trazendo uma mensagem sobre a capacidade de sobrevivência de todos os "seres sensíveis", podem parecer escóticas ou lúnicas, mas carregam

uma mensagem para nos ajudar a aprender com a natureza e encarar os desafios do presente. Cientistas dizem que o planeta entrou numa nova era geológica, na qual a espécie humana é uma força biogeofísica potente e global capaz de deixar uma marca no registro geológico do planeta, que atravessa agora a "sexta extinção" — examinada por Elizabeth Kolbert no livro de mesmo nome, lançado no ano passado nos EUA.

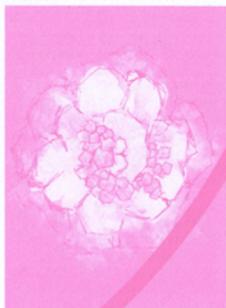
Estamos num momento histórico de mudanças globais: avanços científicos e tecnológicos, crises econômicas, políticas, ideológicas e espirituais são temas analisados por muitos especialistas. Aquilo que o filósofo alemão Martin Heidegger, numa crítica de 1955 à tecnologia e seus perigos, chamou de "Gestell", ou "armação" — a ideia de que no nosso mundo tecnológico os seres existem apenas como recursos a serem explorados, ou meios para um fim — parece ter se difundido por toda parte e não é questionado. Para Denise, pedras são objetos para a contemplação mental e a exploração das múltiplas possibilidades da geometria e dos fluxos das mudanças vitais, que ressoam com a atual "modernidade líquida".

A ciência contemporânea finalmente pôs em dia a visão clássica de cosmos do poeta romano Ovídio, segundo a qual não há oposição entre vida orgânica e inorgânica, carne e pedra, mas sim elas fluem e se fundem junto ao contínuo que une todas as coisas. Recentemente, o astrofísico Alexei Filippenko, em sua conferência A Explosão das Estrelas e o Universo em Aceleração, disse: "O carbono em nossas células, o oxigênio





No alto, obra pública *America's Courtyard*, em Chicago, com coautoria de Ary Perez. Acima, *Alfrodite Cristalina* (inédita, 2016), criada a partir de imagiologias do quartzo feitas por cientistas da University of Utah. Na página ao lado, fotocolagem *Estrela III* (2012/13). O rosa altera as cores da obra *Estrela XXIII* (2015) e de um estudo recente (abaixo).



em nossa respiração, o cálcio em nossos ossos, o ferro em nossos glóbulos vermelhos — todos esses elementos pesados foram criados há muito tempo no núcleo das estrelas por meio de reações nucleares, e depois lançados no cosmos por essas incríveis explosões”.

Linguagem comum

A visão de Denise sobre os aspectos cosmológico e atômico é a de uma “física intuitiva”, nas palavras de Jerome Friedman, um admirador de seu trabalho. Ele era um promissor jovem artista até optar pela física, tornando-se um dos três cientistas que ganharam o prêmio Nobel pelo descobrimento dos quarks. Ele diz: “O trabalho de Denise Milan é fascinante por inúmeras razões. Na enorme espiral cósmica da instalação *America's Courtyard*, em frente ao planetário Hayden, Chicago, vejo uma linda representação do Big Bang e da evolução do universo. Na minha mente, a espiral evoca a imagem de uma entidade que se desenvolve continuamente desde um ponto de origem. Enquanto um físico representaria esse grande fenômeno valendo-se de um conjunto de equações, ela o representa com metáforas artísticas. Nesse sentido, ela pensa como um físico, mas usa uma linguagem distinta. Ela realmente estabelece uma ponte entre a arte e a ciência, utilizando conceitos científicos como motivos de seu trabalho. Claro, outros poderiam ter uma interpretação diferente dessa magnífica instalação, como em qualquer outra obra de arte. Porém, acho que ela muito provavelmente evocaria um senso de princípio, de desenvolvimento epocal em grande escala”.

O trabalho de Denise está em sintonia com a atual dissolução do campo canônico da arte, e de sua interação com outras áreas do conhecimento e da vida. O problema do século 21 é o da coexistência que está no coração da humanidade. Num mundo globalizado, as sociedades precisam de uma linguagem que transcenda o individualismo e que supere as divisões nacionais, raciais, ideológicas e religiosas. A “linguagem das pedras” de Denise nos vincula à nossa origem comum e a uma ordem do universo científica e espiritual, desde o nível atômico até um mais abrangente.

Nessa linguagem há uma ética semelhante à “ecologia humana” mencionada pelo papa Francisco na conferência *Proteja a Terra, Dignifique a Humanidade*. Em tempos de mercantilização da experiência humana e do narcisismo da “sociedade do espetáculo” no hiperconectado mundo das redes sociais, Denise nos convida a aprender com a natureza, a nos sintonizar com aquilo que é maior que nós mesmos e a aumentar a nossa generosidade para com o outro.

A síntese da trajetória de Denise como artista é a mandala estelar. Uma mandala é, no budismo, um símbolo espiritual e ritualístico: monges passam dias desenhando com grãos de areia para representar o universo como um todo em estado de harmonia. Depois que o desenho da mandala está terminado, ele é varrido, e a areia jogada no rio. Trata-se de uma mensagem sobre a interconectividade e a impermanência. E, para a impermanência, o conceito fundamental é a mudança.

Denise Milan

Denise Milan nasceu em São Paulo em 1954. Artista com ampla experiência multidisciplinar, usa a pedra como eixo criativo. Participou de importantes exposições nacionais e internacionais, entre elas a Bienal de São Paulo e a Expo 2000 (Hanover); e individuais no PS1 (Nova York) e no Art Institute (Chicago). É uma das articuladoras do movimento *Arte Pública* no Brasil. Com Ary Perez, criou esculturas públicas em São Paulo, Salvador, Washington e Chicago. No movimento *Espectáculo da Terra*, faz cortesjes anuais com crianças, integrando-as a algumas de suas instalações permanentes. Um seminário sobre sua obra, que reúne especialistas de diferentes disciplinas, acontece em outubro na Georgetown University, nos EUA.